

CôA Visão₂₈

Economia
Ciência
Cultura
Poética

CÔAVISÃO 28

COORDENAÇÃO

José Manuel Costa Ribeiro
António N. Sá Coixão

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Praça do Município
5150-642 Vila Nova de Foz Côa

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lobão, Lda.
Almada

DEPÓSITO LEGAL

121116/98

ISSN

2183-234X

TIRAGEM

750 exemplares

CAPA

Vinhas doiradas...
Fotografia de Adriano Ferreira

DATA DE EDIÇÃO

Maio de 2026

PERIODICIDADE

Anual

ÍNDICE

PREFÁCIO 5

INTRODUÇÃO

Os Coordenadores 7

ECONOMIA

Despovoamento e desenvolvimento territorial na Europa: uma análise crítica a partir da economia regional, da governação multinível e da inovação social

José R. Pires Manso 11

Valoração social, apropriação territorial e governação patrimonial nos Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa

José Paulo Francisco 17

Gil Vicente, beirão, nasceu em Guimarães de Tavares

António Fortes 35

Senabrés, a llengua de casa

Daniel Boyano Sotillo 43

Novas figuras antropomórficas do Paleolítico Superior na arte do Côa, em dois sítios da margem direita do Douro: Vale de João Esquerdo e Vale do Esfola Cabras

Mário Reis 49

Comunicação ancestral: o estudo da arte rupestre

José Moreira 59

As gravuras rupestres da ribeira da Gravata. Grafismos simbólicos de uma comunidade pastoril (Maçores, Douro Transmontano-Raiano)

RESEÑA

Madelín Zeida Pupo Santiesteban. . 77

CIÊNCIA

Regresso à Penascosa (quase) 30 anos depois da inauguração do PAVC

Thierry Aubry, Miguel Almeida, Sílvia Aires, André Ferreira, Luís Luís, Patrícia Ramos, André T. Santos e Marcelo Silvestre 81

Trabalhos Arqueológicos em Castanheiro do Vento: 2025

João Muralha e Américo Araújo . 93

Dados Arqueológicos na Região do Baixo Côa. O Fim do Mundo Antigo e o Começo da Idade Média

António N. Sá Coixão 107

30 Anos do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Europa, Memória e Pensamento Fozcoense

João Paulo Lucas Sousa 123

Ritos del fuego en la Raya hispano-portuguesa. Hogueras tradicionales en Ciudad Rodrigo

José Ignacio Martín Benito 127

O sempre surpreendente engenheiro agrónomo Artur Saraiva Castilho

Aires Diniz 137

«Pinhel Guarda-Mor do Reino - o Concelho no Século XIX»: a Interpretação Histórica de Marinho dos Santos

José Luís Lima Garcia 153

Como ver agora os sindicatos?

João Freire 165

El arte de la filigrana en el noroeste peninsular. Aportación a los orígenes y paralelos etnográficos

José Miguel Sánchez Benito 169

João da Chela chamado por Carlos d'Abreu

Paulo Jorge Brito e Abreu 181

CULTURA

**Marmalho – Uma palavra,
um mistério, um milagre**
Albino Matos187

**Uma pérola cintilante no Alto-
-Douro! Apontamentos históricos
da comunidade paroquial da Póvoa
da Veiga da Terra de Santa Maria
e a génese devoção a Santa Maria
da Veiga - séculos XIII/XV**
Luciano Moreira191

**A revolta do Vilarinho
da Castanheira contra o imposto
do trabalho braçal (1938)
(uma primeira abordagem)**
Carlos d'Abreu..... 207

**Ferrocarril en la Raya – ese
problema sin solución**
Ángel Centeno.....217

**Una excursión a la “sacristía
de Camporredondo”**
Carlos García Medina 223

**Telmo Ferraz, A Gramática
de uma Fidelidade Centenária.
Um Século de Lodo e Estrelas**
Henrique Manuel Pereira.....227

Um rio ímpar e universalista
Paulo Cordeiro Salgado231

Esperantiso, lingvo internacia
Roxana Paz & Roger Prieto..... 237

Desde cuando...
Jesús Gómez Morante 243

Poética
Augusto Pedregoso 253
Carlos d'Abreu..... 254
Carmen del Rio Bravo..... 255
Carmen Herrera Castro 256
Edison Alves..... 257
Helena Carvalho 258
Josep Mata..... 259
Karlotti do Vale 260
Luís Maçarico.....261
Mohamed Hammú 262
José Carlos Garrucho 263

Portefólio
Victorino Calderón 265

Anexo
Pedro Duarte 303
Gustavo Duarte 305
João Paulo Sousa 307
Rui Vieira..... 309
J. C. Lopes Martins 311
Filipe M. F. Palavra313

30 Anos do Parque Arqueológico do Vale do Côa. Europa, Memória e Pensamento Fozcoense

João Paulo Lucas Donas Botto Sousa¹

Celebrar três décadas do Parque Arqueológico do Vale do Côa é mais do que recordar um momento institucional ou assinalar uma data simbólica. Trata-se da possibilidade de fazer uma reflexão sobre o lugar de um território dinâmico onde se constrói peça a peça a identidade cultural da própria Europa outra perdida. Eduardo Lourenço, refere isso mesmo, a identidade europeia constrói-se num diálogo permanente entre memória e interpretação, entre herança e consciência histórica. Nesse sentido, o Vale do Côa constitui uma das expressões mais singulares dessa longa continuidade cultural.

Classificado pela UNESCO em 1998 como Património da Humanidade, o conjunto de arte rupestre do Vale do Côa colocou o território de Vila Nova de Foz Côa no mapa da cultura europeia e mundial. Contudo, a sua relevância ultrapassa a antiguidade das gravuras ou a excecionalidade científica do sítio arqueológico. O que verdadeiramente distingue o Côa é o modo como o território aparentemente periférico foi capaz de transformar o seu património num projeto de pensamento coletivo — aquilo que poderíamos designar como um autêntico **pensamento fozcoense** na sua génese.

Este pensamento nasce da experiência concreta de uma comunidade de uma região despovoada, que aprendeu a ler o seu passado como possibilidade de conquista do futuro. A defesa das gravuras, a criação do parque arqueológico, a classificação do património e, posteriormente, a inauguração do Museu do Côa constituíram momentos decisivos de afirmação cultural. Neles convergiram ciência, cidadania e política patrimonial, formando uma consciência coletiva que compreende o património não apenas como memória arqueológica, mas também como recurso natural, cultural, educativo, económico e Político.

Para a Côa Parque-Fundação, assinalar os 30 anos, neste ano de 2026, do parque arqueológico, significa reconhecer essa maturidade institucional e territorial. Ao longo destas décadas, a investigação científica, a preservação e a divulgação do património criaram redes de colaboração que envolveram investigadores, universidades, escolas, autarquias, visitantes e a própria comunidade local. O parque tornou-se, num sistema evolutivo, e num fator de coesão cultural, social e turístico, demonstrando como o património pode constituir um motor de desenvolvimento territorial sustentável.

Neste contexto, e concretamente as iniciativas dos dias 26 e 27 de março de 2026, de entre outras já desenvolvidas e a desenvolver, assumem um significado particular. A participação ativa dos alunos do Agrupamento de Escolas transforma a celebração num exercício concreto de aprendizagem, e cidadania inclusiva e cultural. O acampamento simbólico no espaço escolar, evocando modos de vida ancestrais, aproxima os jovens da profunda temporalidade do território e da própria história europeia.

A marcha de cerca de quatrocentos alunos até ao município, culminando no Museu do Côa, recorda também a mobilização cívica que marcou a defesa do vale do Côa. As gravuras não sabiam nadar e continuam a não saber. Ao percorrerem o território e ao criarem frases e pequenos poemas inspirados nas gravuras, os estudantes demonstraram que o património permanece vivo na imaginação contemporânea. Nesse gesto e através dele manifestou-se, mais uma vez, a essência do pensamento fozcoense: a capacidade de transformar a herança arqueológica numa experiência partilhada de conhecimento e sentimento de pertença.

Como alguém escreveu: **“As pedras do Côa são como livros abertos — só é preciso aprender a lê-las.** “É precisamente no parque arqueológico que a representatividade se torna mais evidente, e é no museu o lugar onde essa leitura se torna menos real, mas mais visível e clarividente. Aqui, passado remoto encontra a investigação científica e a interpretação contemporânea, lembrando que o património não é uma realidade estática: pertence ao passado, mas também às comunidades que o re-

¹ Presidente Conselho Diretivo da Côa Parque-Fundação.

Foi esse mesmo tempo — paciente escultor da história, como escreveu Marguerite Yourcenar — que moldou o Vale do Côa. Um tempo profundo, inscrito na paisagem e nas rochas, que atravessa milé-

Mas o Côa não é apenas tempo arqueológico. É também **tempo de paisagem** — uma paisagem cultural viva onde o território se transforma num verdadeiro documento de leitura científica, histórica e humana. Cada encosta, cada afloramento rochoso, cada curva do rio constitui uma página dessa longa narrativa que liga o passado remoto às comunidades contemporâneas.



Com mais de mil e quinhentas rochas gravadas distribuídas por cerca de uma centena de sítios arqueológicos, o Vale do Côa afirma-se hoje como um verdadeiro **laboratório vivo de investigação científica**, aberto à cooperação académica europeia e internacional. Arqueologia, tecnologia digital, conservação patrimonial e humanidades digitais encontram aqui um espaço privilegiado de experimentação e conhecimento. Neste horizonte, o respeito é imenso e o compromisso da Côa Parque-Fundação é claro: preservar, investigar e divulgar este património único, reforçando redes de colaboração entre universidades, investigadores, comunidades e visitantes. O futuro

do Côa depende precisamente dessa capacidade de transformar conhecimento científico em cultura partilhada.

Preservar o Côa é muito mais do que proteger o passado, um passado que não termina nas rochas, é transformar o tempo em tempo de futuro, um futuro da região, do território, do país e da Europa.

Entre pedras, memórias e pensamentos, o Vale do Côa tem provado que a identidade europeia também se escreve nas margens. Trinta anos depois, o Côa permanece o mesmo milagre: um lugar onde a humanidade aprende a reconhecer-se na sua própria origem.